



Coordenador: Ten-Cel HUGO DE ANDRADE ABREU

COMO A ARTILHARIA BRASILEIRA "SAIU DA CRISTA"

Cel AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS

Em conversa informal com um general da reserva, ex-Instrutor de Artilharia da Escola Militar do Realengo, ouvimos um caso interessante que julgamos digno de registro e por isso procuramos resumir-lo no presente artigo.

O "Tiro de pontaria indireta" e o "desenframento das posições de tiro", na Artilharia de Campanha brasileira, só passaram a despertar interesse nas Escolas Militares e nos Corpos de Tropa, após a guerra de 1914-18, quando veio para o Brasil a famosa "Missão Francesa de Instrução e Organização do Exército Nacional".

Dita "Missão" foi muito bem recebida por nossos oficiais, particularmente pelos mais estudiosos que, de pronto, procuraram assimilar os novos ensinamentos, deixando de lado as teorias de antanho tão impregnadas de rotina e tradições, fruto da gloriosa guerra contra o Paraguai.

Naquela época nosso Exército estagnava pela ausência de uma doutrina militar. Sem um Alto Comando capaz de traçar, por si mesmo, novos rumos evolutivos e com a Administração, desprovida de organização eficiente, comprazia-se numa burocracia sem técnica, algo inoperante e confusa.

Sem orientação doutrinária, sem organização copatível, mal armado e desprovido de meios, o nosso Exército era um simulacro de Força Armada, já por sua ineficiência, já pela falta de indústrias particulares capazes de prover uma organização militar, pois os estabelecimentos fabris existentes não comportavam o fornecimento de munição para um dia de fogo... Entretanto, a oficialidade, contrastando com tal realidade, sonhava com um grande Exército capaz de defender nosso vastíssimo território e nossa soberania no concerto das Nações.

Os oficiais possuíam, via de regra, o curso das Escolas Militares pelo regulamento de 1898, onde adquiriam cabedal científico excessivamente elevado, porém sem treinamento moderno para enfrentar operações de guerra mesmo de pequena envergadura e sem aptidões reveladas para o desenvolvimento da instrução na Tropa. Dai a inexperiência nos escalões superiores do Alto Comando e da Direção Administrativa.

A eficiência militar do Exército era para criar apreensões muito sérias. Além das evoluções de "Ordem Unida", a que naqueles tempos chamava-se *dispersa*, nada mais era levado a sério. A equitação era simplesmente de entristecer, pois a regra consistia no "sistema caboclo" de cavalgar ginete; o cavalo-de-guerra, propriamente dito, era uma utopia, um sonho e o Serviço de Veterinária estava entregue aos "sargentos curandeiros".

Foi por aquela época que, na arma de Artilharia foi substituído o canhão de tiro lento com alça de mira antiquada e de cruzeta por material mais moderno — o canhão "L-28. Tiro rápido" que tinha o recuo sobre reparos e "ancoragem" por meio de uma pá-de-conteira. Dotado de linha de mira independente com luneta de visagem e goniômetro graduado em milésimos, o novo material criou verdadeira revolução no meio artilheiro. Os oficiais reservaram suas minguadas economias para a compra de livros franceses, onde procuravam colhêr os ensinamentos necessários ao manejo do novo material e por isso foram logo apelidados de *bacharéis de espada*. O trabalho entre os oficiais mais jovens que então instruíam as Escolas Preparatórias tornou-se intenso e a vontade de aprender era muito grande.

O Comandante da Bateria passou a trabalhar com uma luneta panorâmica-teleoscópica, que era na época considerada como uma maravilha de mecânica e ótica. A cadência de tiro foi elevada para 17 tiros por peça e por minuto e com tais dispositivos o comando do Capitão, poderia agora ser feito *indiretamente*. Passava para plano secundário o obsoleto processo de "*dormir na pontaria*".

Com a rápida recordação acima exposta podemos, agora entrar em nosso caso propriamente dito.

Um certo tenente, auto-didata inveterado, era um dos artilheiros que, naquela época se entregava a estudos isolados. Lendo as obras mais conhecidas na França e na Alemanha, procurava fazer sua auto-criação militar.

Após ser instrutor de tiro da Escola Militar do Realengo, foi "Nosso Tenente", por solicitação própria, mandado servir na 9ª Bateria do 1º RAM. Vivendo para sua Seção, ou "meia-bateria" como se dizia, recebeu, por ocasião de um exercício, ordem de incorporar-se a um "Destacamento das Três Armas" que deveria operar na antiga região de Sapopemba, hoje Deodoro. O destacamento era comandado pelo General X, velho arraigado, ainda, às coisas da Guerra do Paraguai.

Iniciado o exercício, "Nosso-Tenente" recebeu ordens para operar em determinado local onde "ficaria em vigilância" sobre um setor que

o comandante do Grupo deveria assinalar. Sua Seção atuaria como se fôsse uma bateria do mesmo Grupo.

Seguindo as regras colhidas nos trabalhos que lera, "Nosso-Tenente" reuniu seu pessoal e tratou de explicar, ao mesmo, a missão que fôra atribuída à "Bateria". Esclareceu que a Artilharia não tinha mais necessidade de ir para a crista, pois que o material que possuía permitia que fôsse aproveitada a massa cobridora que estava à frente da posição e explicou, como poderia efetuar o "tiro indireto" sem que o objetivo fôsse visto pelo pessoal da peça, pois que a pontaria seria feita por êle, utilizando a luneta panorâmica, instalada em um pôsto de observação situado na elevação logo em frente.

A preparação da bateria se processava, estabelecendo as ligações por sinalização e adotado um ponto-de-pontaria auxiliar, perfeitamente visível. Foram feitos os necessários comandos de elementos de tiro sôbre o ponto-de-referência do Major Comandante para futuro transporte de tiro, etc...

Dadas outras providências complementares, a "BIA" ficou em "vigilância" sôbre o setor que lhe fôra cometido. Ao Comandante do Grupo foi comunicado:

"Bia pronta. Em vigilância"

(a) Tenente A

O Comandante do Grupo, pelo mesmo estafeta respondeu:

"Continue em vigilância. Aguarde ordens"

(a) Major Z

Aguardava o "Nosso-Tenente" a ordem do major para prosseguir o exercicio quando apareceu em seu pôsto de observação o 2º Tenente ajudante-de-ordens do General, comandante do Destacamento, com a seguinte ordem verbal:

"Tenente. O General determina que sua Bateria abra fogo imediatamente"

"Nosso-Tenente", um pouco assustado e confuso, pergunta ao ajudante-de-ordens:

"Abrir fogo contra que objetivo? Onde está o inimigo? O que devo destruir ou sôbre que tropa vou ativar?"

O ajudante-de-ordens parte célere para contar a seu General que o Tenente não tinha objetivo e que estava em posição atraz da crista, enquanto a outra "bateria" estava em cima da crista e já estava cumprindo a missão. Naturalmente jogou "sua colherzinha de veneno" e relatou o caso com todos os seus detalhes. Retornou, logo a seguir com a seguinte ordem:

"Tenente. Sua Excelência, o Senhor General determina que o senhor coloque sua bateria na crista-topográfica e abra fogo imediatamente"...

"Nosso-Tenente" havia preparado sua "Bateria" para o tiro indireto. Dias e dias havia passado ensinando aos apontadores e aos sargentos como se devia proceder, empregando o novo processo de pontaria. Seus instruídos tinham conhecimento da nova técnica e seu prestígio, ante seus comandados, estava em jôgo. Tratou de explicar ao ajudante-de-ordens que a outra bateria estava errada; que aquêlo material era apropriado ao tiro indireto e que a Artilharia não era mais arma de linha-de-frente e que êle pedia ao Senhor General que lhe permitisse uma explicação detalhada do caso. A seguir comunicou ao Major Comandante do Grupo a ocorrência. Passaram-se alguns longos minutos. O Ajudante-de-ordens, esporeando seu cavalo voltara para perto do General para transmitir a decisão de "Nosso-Tenente". Trinta minutos depois, volta o ajudante-de-ordens, agora contrafeito. Desce do cavalo, apresenta-se ao "Nosso-Tenente" e lhe diz:

"Tenente. O Senhor General Comandante manda comunicar que, à sua ordem o Tenente Comandante da 9ª Bateria está prêso, devendo recolher-se imediatamente à "barraca da frente"..."

O caso espalhou-se imediatamente por tôda a região do exercicio, chegando até aos ouvidos dos oficiais da arbitragem que se dirigiram, imediatamente, para o PC do General. Na arbitragem estavam dois capitães de artilharia, estudiosos, como "Nosso-Tenente" e conhecedores dos últimos avanços da técnica da Artilharia. Ponderaram ao velho General que as baterias que estavam em posição no morro da Caixa D'Água estavam erradas, pois que o material permitia o tiro indireto. Explicaram ao General, em linhas gerais, como era realizado tal tiro e foram unânimes em afirmar que o "Nosso-Tenente" agira com técnica precisa e consoante os novos regulamentos franceses.

O General aceitou as explicações dos oficiais da arbitragem. Fez voltar o "Nosso-Tenente" para suas funções, e mandou que as demais baterias, no dia seguinte escolhessem novas posições abrigadas atrás da crista.

"Nosso-Tenente", ex-Instrutor da maioria de nossos generais de hoje, continuou sua vida militar, sempre pautada no lema que traçou desde que saiu da velha Escola Militar da Praia Vermelha. Ao terminar a conversa que comigo mantinha disse:

"Coronel. Durante os 50 anos que passei no Exército não me lastimo de haver seguido o lema:

— Tudo que é digno de ser feito, merece ser bem feito"

E se foi em seu passo firme e corpo ereto, embora já se aproximando da casa dos oitenta anos...

CONSTRUTORA VERONESI LTDA.

REMO VERONESI

DIRETO

AVENIDA PARANÁ, 71 — FONE, 1831 — LONDRINA — PARANÁ

SAUDAÇÃO A SAMPAIO

Coronel RAIMUNDO TELES PINHEIRO

Patrono insigne da nobre Infantaria Brasileira!

As solenidades patrióticas, os festejos cívicos que hoje assistes, constituem um preito de admiração, de respeito e de reconhecimento das Forças Armadas do Brasil a ti, herói-mártir, símbolo de bravura indômita, de dignidade, de nobreza, de audácia, de desassombro e de patriotismo incontestado.

Neste dia e nestes momentos de vibração e de entusiasmo, de emoção e de orgulho, com o sangue pulsando no mesmo descompassado e violento ritmo do coração da Pátria penhorada, prestamos novamente justas homenagens à encarnação de tôdas as virtudes morais e cívicas do militar autêntico que, durante longos 36 anos — desde a planície, como simples soldado, aos píncaros mais elevados do generalato — percorreu neste luminoso e extenso estádio, tôda a enorme e esplendente gama do dever, da abnegação e do heroísmo — viagem imensa de peregrinação frutuosa por todos os recantos da Pátria e além das fronteiras, pelos inóspitos, ásperos, insalubres e ignotos chãos do Uruguai, Argentina e Paraguai.

Embora nascido pobre, longe dos raros centros populacionais de relativa importância, nos impérvios sertões combustos de Tamboril, no centro-este do Ceará, privado da rica plenitude das letras que aformoseiam o intelecto, graças ao poder do teu caráter inquebrantável, da tua personalidade vertical, do teu grandioso padrão de bizzarria, varonilidade e energia, do teu desprendimento e fé cívica, lograste a grande fortuna de servir muito e servir convenientemente, a ponto de, enroupado na púrpura do teu próprio sangue, iluminares exuberantemente todos os “degraus infinitos da História”.

Rememoremos um pouco dessa tua ilimitada, incomensurável e imarcessível glória:

Praça de 17 de julho de 1830, no mês de abril de 1832, nas ruas da vetusta Icó, recebias galhardamente o batismo de fogo — já enfeitando-te a farda as divisas de furriel — enfrentando as hostes rebeldes do belicoso Pinto Madeira. Após curto período de labor intenso no morejar diário da vida rude da caserna, seguias em 1835 para o Pará, assolado e infelicitado pela “Cabanada” e cooperavas para a sua pacificação. A seguir, durante três longos e conturbados anos, lutaste re-

nhida e leoninamente contra os "balaíos" maranhenses, participando de 50 combates, comandando pessoalmente 46 dêles e galgando o pôsto de capitão.

Quase a seguir e com a mesma galhardia e impavidez, combatestes sucessivamente os "farrapos" no Rio Grande do Sul e os "praiheiros" em Pernambuco. Assim, lutaste valorosamente no Nordeste, no Norte e extremo Sul do território pátrio. Agora, já no pôsto de major, no ano de 1852, participaste da expedição da Colônia do Sacramento, além fronteiras, e te batestes com denodo na batalha de Monte Cazeros, último reduto e túmulo da felonía do sanguinário ditador Rosas; da mesma forma e com o mesmo imutável padrão te conduziste ná expedição a Montevidéu, de 1854 a 1855.

Já no pôsto de coronel, com pequeno interregno no comando do Corpo Policial da Córte, de 1859 a 64, no qual te houveste com absoluta correção elogiada pelo Imperador, foste de novo chamado a servir á Pátria no exterior. E, transpondo mais uma vez a fronteira sul, conquistaste os bordados de brigadeiro, após a rendição de Paissandu em janeiro de 1865, comandando a Primeira Brigada de Infantaria, uma das tropas que mais se distinguiu no ataque.

Daí te deslocaste para Montevidéu e, por ato de 11 de março dêsse mesmo ano de 1865, foste encarregado de dirigir e fiscalizar a instrução de todos os corpos de Infantaria, missão que pouco durou, de vez que, à testa da 3ª Divisão, no mês de abril seguinte, te deslocaste para a barra do arroio São Francisco, nas proximidades de Paissandu. Eram os pródomos da dilatada e cruenta luta que sustentaríamos contra a tirania de López.

No comando desta mesma Divisão, a "encouraçada", prosseguindo no deslocamento, embarcaste, às 12,00 horas de 15 de abril de 1866, à margem esquerda do rio Paraná, e desembarcaste no território paraguaio, sob a canícula causticante, no dia seguinte, para escrever, a partir daí e até o glorioso dia 24 de maio — cumprindo religiosa e integralmente missão do inconfundível chefe OSÓRIO, ombro a ombro com os outros também valorosos e disciplinados comandantes e comandados aliados — com o teu sangue ardente, estuante, as mais refulgentes páginas da tua longa, combativa e prestimosa vida. Era, exata e coincidentemente, o teu 56º aniversário natalício.

Faz hoje precisamente 95 anos. "Trajavas belo uniforme bordado a ouro matizado de condecorações e medalhas faiscentes". Lembras-te, bravo dos bravos? (Foste comparado, guardadas as proporções, a Nei e a Murat, ambos também nascidos em berço humilde e ambos também alcançados ao Panteão da Imortalidade).

Podes recordar o hiante, tremendo e pavoroso quadro de Tuiuti?

"Heróico, inabalável, abnegado, cumpriste a missão recebida com fidelidade, bravura, habilidade e estoicismo, e deste ao grande OSÓRIO a potente e inamovível peça a que êle amarrou tôdas as combinações da



GENERAL SAMPAIO — O PATRONO DA INFANTARIA

sua manobra salvadora". Propiciaste, com os análogamente inclitos MALLET, ARGÔLO, MENNA BARRETO, VITORINO MONTEIRO, GUILHERME DE SOUZA, GURJÃO, CONRADO E MACHADO BITTENCOURT, SOUZA NETO e seus anônimos comandados a transmutação de uma derrota certa, numa vitória imponente, retumbante...

Por fim, com três graves e gloriosos ferimentos foste evacuado. 43 dias após, pereceste a bordo do "Eponina", no dia 6 de julho. Tiveste teus despojos mortais inumados, a 8, em Buenos Aires, com soleníssimas exéquias. Depois, devidamente restituídos à Pátria que tanto amaste, em 1869, quando foram colocados na capela do antigo Arsenal de Guerra, na Ponta do Calabouço, e, posteriormente, em "solenidade pouco vulgar", com a presença do Imperador Pedro II, trasladados para o Asilo dos Inválidos da Pátria; depois recolhidos à Sé da tua Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção em 25 de novembro de 1871, e, finalmente, em pomposo cerimonial, depositados no teu rico e perpétuo mausoléu, em lugar de destaque no cemitério de São João Batista, na mesma cidade, aos 25 de outubro de 1873.

E repousam, no sono eterno, no teu querido e jamais esquecido calcinado chão do Ceará, como indiscutível fanal para as gerações atual e futuras, a relembrar o teu patriotismo sem restrições, o teu magnífico exemplo de sereno, invulgar e autêntico chefe.

Mas, na realidade, não morreste, porque os gigantes da tua estirpe não morrem nunca. O teu aurifulgente nome, sôbre ser um exemplo, "continua inspirando respeito, admiração, dignidade, nobreza, sacrifício, abnegação e renúncia".

Guarda bem, ANTÔNIO DE SAMPAIO! Tu revives e reviverás sempre: "na ambicionada condecoração *Sangue do Brasil*, cujos motivos heráldicos foram inspirados nos teus gloriosos ferimentos; revives erecto no bronze das estátuas, no colorido de placas de ruas e praças das cidades do teu amado Brasil e nas sociedades de graduados do Exército a que tanto dignificaste; revives na grande barragem que armazena impressionante volume da preciosa linfa no ressequido solo nordestino; revives no Regimento de Infantaria que te ostenta ufano e glorioso nome, e, sobretudo, patrocinando a indômita Infantaria Brasileira, tua própria encarnação". Revives, finalmente, no coração de todos os bons brasileiros, os quais reconhecem e proclamam, numa justa glorificação, que transformaste "a vida numa epopéia, o soldado num herói, o túmulo num altar e a morte na imortalidade".

Camaradas da Marinha, da Aeronáutica e do Exército!

Animados de sadio entusiasmo e de acendrado amor ao verdadeiro e indiscutível mérito, com as almas genúflexas e os corações em continência, façamos vibrar entusiásticamente, por todos os quadrantes do imenso e

querido Brasil a que tanto SAMPAIO amou, inclusive imolando a vida no seu altar, o canto varonil do seu conterrâneo Álvaro Martins:

.....
 "Mais tarde o que êle foi no campo das batalhas
 Qũe o digam a rugir as luzidas metralhas,
 Que o digam a tremer os ríspidos canhões,
 A História, o Gênio, a Glória e as bravas Legiões.....

.....
 Um dia, na charneca atroz de Tuiuti
 O legendário herói que impávido sorri,
 Depois de ter lutado então como gigante,
 Sôbre o campo fatal, ardente e fumegante,
 Sente faltar-lhe o braço, escurecer-lhe o olhar,
 Diz-lhe a voz do destino: Basta de lutar!
 E o grande herói — crivado o peito de feridas,
 O rosto e as mãos em sangue e fumo enegrecidas,
 Surdo à voz da metralha, ao eco do canhão,
 Tendo a morte já no próprio coração,
 Sonâmbulo fatal — dêste sonho afagado —
 Marcha ainda através do campo ensangüentado....
 Foi assim que morreu o General Sampaio.
 O seu nome, que tem mais brilho que o raio,
 Caiu, tombou, rolou do campo da vitória
 Sôbre o feito imortal do Brasil e da História."

Rio, 24 de maio de 1961.

BIBLIOGRAFIA

- "Reminiscências da Guerra do Paraguai" — Gen Dionísio Cerqueira.
 "Sampaio, Patrono da Infantaria" — Eusébio de Souza.
 "A Heroína e os Bravos", 1957 — Ten-Cel Raimundo Teles Pinheiro.
 "Saudação a Sampaio", 1959 — Ten-Cel Raimundo Teles Pinheiro.
 "Sampaio e Tuiuti" — Maj Luis Flamarion Barreto Lima.

FÁBRICA DE CARROCERIAS "ITALIA"

ÂNGELO VIDATTO & FILHOS LTDA.

RUA DOS POMBOS, 70 CX. POSTAL 263 — ARAPONGAS — PARANÁ

"A DEFESA NACIONAL"

CORPO DE REDADORES PARA 1961

REDATOR-CHEFE — Coronel Ayrton Salgueiro de Freitas

COORDENADORES :

Cel Ayrton Salgueiro de Freitas ...	Assuntos Militares
Cel-Av Délio Jardim de Matos	Aeronáutica.
Ten-Cel Hugo de Andrade Abreu...	Exército
Cmt J. A. Carneiro de Mendonça ...	Marinha
Ten-Cel Carlos de Meira Mattos ...	Guerra Revolucionária
Ten-Cel Waldyr da Costa Godolphim	Geografia
Ten-Cel J. R. Miranda Carvalho ...	História
Ten-Cel Celso dos Santos Meyer ...	Caso de Espionagem
Ten-Cel Octavio Tosta	Geopolítica
Ten-Cel Mário de Assis Nogueira ..	Psicologia e Liderança
Ten-Cel Ézio de Melo Alvim	Ciência e Técnica
Ten-Cel Danilo da Cunha e Mello ..	Candidatos à EsAO
Maj Adyr Fiuza de Castro	Engenhos-Foguetes e Satélites
Maj Amerino Raposo Filho	Doutrina Militar Brasileira
Maj Leopoldo Freire	Assuntos Diversos
Maj Germano Seidl Vidal	Candidatos à ECEME
Maj Confúcio Pamplona	Guerra Atômica
Maj Dario Ribeiro Machado	Nossas Guarnições Militares
Cap-Ten Ayrton Brandão de Freitas	Ed. Física e Desportos
Cap Diógenes Vieira Silva	Guerra Química